



COMUNICAÇÕES

*CONCEPÇÕES SOBRE FLUÊNCIA:  
IDEOLOGIAS SUBJACENTES\**

*Renata Paes de Barros\*\**

*Silvia Friedman\*\*\**

Estamos realizando uma pesquisa de mestrado que analisa as narrativas de autores que definem a normalidade e a patologia quanto à produção de fala. Buscamos compreender como os autores definem e explicam essas dimensões do falar.

Serão analisados os autores fonoaudiólogos brasileiros e, a partir deles, os autores por eles visitados com mais frequência, que são sua base de referência, por entendermos que nesses autores se situa a influência principal recebida pelos fonoaudiólogos brasileiros sobre uma concepção a respeito de gagueira e fluência.

---

\* Este trabalho foi apresentado no IV Congresso Internacional de Fonoaudiologia, III Encontro Ibero-Americano de Fonoaudiologia. São Paulo, 14 a 16 de outubro, 1999.

\*\* Coordenadora e professora assistente do Curso de Fonoaudiologia da Fatea – Faculdades Integradas Teresa D'Avila.

\*\*\*Professora doutora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia – PUC-SP.

A análise das narrativas apóia-se na Análise Argumentativa, conforme definida pela Psicologia Narrativa, segundo Murray (1997). Para tanto, enfocaremos a parte dos textos dos autores que contém os argumentos pertinentes à definição de gagueira e fluência, identificando o argumento apresentado (o que é dito), o argumento subjacente (o não dito), o tema central (gagueira, fala, fluência, disfluência) e o contexto situacional em que a narrativa se pauta (paradigmas científicos).

Para demonstrar esta forma de análise, tomaremos como exemplo um fragmento de texto de um autor de nossa atualidade, cujo tema central é a gagueira.

A gagueira é definida como um distúrbio da fluência que se caracteriza por interrupções anormais no fluxo da fala, sendo geralmente experienciada pelo indivíduo que gagueja como uma perda de controle, já que ocorre de modo involuntário.

No argumento apresentado, na primeira frase, entendemos que, ao definir a gagueira como *distúrbio da fluência*, tratando a seguir de explicar isso caracterizando-a por *interrupções anormais no fluxo da fala*, se reitera o mesmo, ou seja, a suposta caracterização como *interrupções anormais* não representa um avanço na descrição de *distúrbio da fluência*. Distúrbio de fluência é sinônimo de interrupção anormal no fluxo da fala. Um outro aspecto é o de que não há uma definição de qualquer parâmetro que possa nos dar uma pista do que seria o normal, a base de referência para esse anormal. Tal tipo de definição nos leva ao que Woolgar (1998)<sup>1</sup> define como um dos horrores metodológicos, qual seja, pautar o comportamento humano, no caso a produção da fala, em medidas predefinidas de tipos e frequências de comportamentos sem considerar a processualidade do comportamento em seu contexto. O argumento subjacente, ou seja, o não dito, que implica esse normal predefinido, é um normal idealizado por alguém ou algum grupo, normal que não é questionado, mas antes tomado como verdadeiro e natural.

Tudo isso nos leva a movimentar-nos num terreno de grande incerteza, pois a produção de fala tal como se dá no cotidiano apresenta interrupções inerentes

---

1. Woolgar, S (1988). "Science the very idea". In: Spink, M. J. (org.). *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano*. São Paulo, Cortez.

ao seu próprio processo. A Linguística, ao estudar a língua oral, nos mostra que no processo de produção de fala há interrupções consideradas naturais e inerentes a ela. Os autores da literatura especializada em gagueira também admitem que na fluência há interrupções consideradas naturais, mas não utilizam este parâmetro para discutir o que seria um distúrbio da fluência. O normal de que se fala é um normal idealizado e não está fundamentado no processo de produção de fala tal como se dá no cotidiano, em que necessariamente sofre as influências do contexto.

Na segunda parte do fragmento, o argumento apresentado é que a *gagueira é geralmente experienciada como uma perda de controle e ocorre de modo involuntário*. Se a *gagueira é experienciada geralmente como perda de controle*, no argumento subjacente, o não dito, temos que o que não é gagueira estaria sob algum controle. Entretanto a fala é um processo espontâneo: não se sabe como se fala, apenas se sabe falar, e nesse contexto surgem não apenas gagueiras, mas atos-falhos, falhas de evocação. Sendo assim, essa explicação se estende a todo o processo natural de fala e não à gagueira. Poderíamos dizer, então, que não existe um sujeito que nunca perde o controle sobre sua própria fala, sendo isto algo natural ao falar.

Entendemos que as características apontadas para definir a gagueira referem-se a fluência também e apontamos a falta de uma discussão anterior sobre o processo de produção de fala tal como se dá automaticamente, no cotidiano, com interrupções naturais, inerentes a esse processo. Não há uma pesquisa realizada que nos mostre como se dá o processo de produção de fala (fluência) que sirva de parâmetro para identificarmos um pretendido limite entre a normalidade e a patologia.

A presente pesquisa discute os modelos de racionalidade que subjazem aos conceitos e definições de gagueira, a fim de desenvolver um modelo de compreensão científico-ético da gagueira.